



FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA: UMA DISCUSSÃO DAS TEORIAS DO GEN MEIRA MATTOS

Philip Kelly

Traduzido pelo Tenente-coronel Marco Antonio Cunha, o artigo comenta o livro do General Meira Mattos, *Geopolítica de Fronteiras — Fronteiras do Brasil*, editado pela Bibliex (1990).

O general Carlos de Meira Mattos, do Brasil, é reconhecido na Europa e na América do Norte como o mais notável escritor contemporâneo de Geopolítica. Suas obras abrangem ampla variedade de assuntos, da História Militar ao desenvolvimento da Amazônia, do armamento moderno à segurança do Atlântico, da teorização geopolítica às recomendações políticas para a elevação do Brasil no conceito mundial. Todas essas abordagens têm contribuído para a compreensão e aplicação da Geopolítica como elemento de importância no desenvolvimento nacional, na polí-

tica externa e nas relações internacionais.

O mais recente livro do general, *Geopolítica e Teoria de Fronteiras: Fronteiras do Brasil* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1990) obviamente amplia sua contribuição. O livro é oportuno, criterioso e um acréscimo importante para a literatura sobre Geopolítica e relações internacionais existente. Contém abordagens e interpretações que simplesmente ainda não haviam sido apresentadas em outras publicações. A alta qualidade de seu mais recente trabalho é mantida nesta publicação. Francamente, meu

FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA: UMA DISCUSSÃO DAS TEORIAS DO GEN MEIRA MATTOS

interesse a respeito de questões de Geopolítica de limites internacionais, assunto ao qual anteriormente não dera grande importância, tem sido estimulado pelas idéias e teorias contidas no seu estudo. Com toda sinceridade, tenho crescido na minha compreensão de fronteiras no que se refere ao contexto mais amplo da Geopolítica.

De forma a repassar a obra e discutir minhas impressões sobre seu conteúdo, eu gostaria, inicialmente, de delinear os principais temas e teorias apresentados pelo autor. Em seguida, avaliarei essas matérias, fazendo uma reflexão sobre algumas em particular, buscando comparar, em alguns casos, a minha visão norte-americana de Geopolítica, com a perspectiva sul-americana de Meira Mattos.

Temas e teorias principais:

1. Com o aumento das populações nacionais, crescem as pressões nas fronteiras vizinhas, argumenta o general Meira Mattos. Mais contatos internacionais nas regiões de fronteiras, e além delas, também tornam as questões de limites mais delicadas politicamente. Certas regiões vêm a ser particularmente mais suscetíveis a essas pressões, porque o crescimento, muitas vezes, é mais significativo em alguns países do que nos seus vizinhos, criando outro potencial para as tensões fronteiriças. Como conseqüência, "a pressão fronteiriça tem sido o primeiro passo para a desarmonia e o conflito entre Estados", escreve Meira Mattos (pág. 5). A fim de evitar esse conflito, os limites precisam ser demarcados de forma clara e precisa. O general recomenda que as questões de fronteiras

sejam resolvidas de acordo com uma comissão binacional de delimitação, porque a guerra moderna é "suicida" e o direito e as organizações internacionais não têm sido capazes de solucionar todos os conflitos de fronteiras. A melhor maneira de se obter a paz regional é encontrada através de paciente e habilidosa diplomacia.

2. Existem duas modalidades básicas de linhas fronteiriças: *Limites naturais* sob a forma de rios, lagos, montanhas, desertos, selvas e oceanos e *delimitações artificiais* de traçado geodésico, astronômico e matemático. Meira Mattos não tem predileção por uma modalidade específica. Entretanto, ele sustenta que nas áreas de elevada densidade demográfica, como na Europa, as fronteiras naturais tendem a predominar. *Faixas* de fronteiras e limites fixados artificialmente, como os normalmente encontrados na África e na América Latina, são mais comuns em áreas de baixa densidade populacional.

3. As fronteiras são "a epiderme do corpo estatal", a sensível camada exterior que espelha o vigor de um povo, de uma cultura e de um Estado. Certos limites estão sujeitos a expandir-se ou reduzir-se, conforme as dinâmicas de crescimento nacional e regional. Essa *descrição de fronteira orgânica* revela uma importante e necessária linha de coerência adotada por Meira Mattos, do início ao fim do livro, muito embora a característica orgânica, isto é óbvio para o autor, seja mais uma tendência do que uma garantia para a paz e o desenvolvimento.

Meira Mattos reconhece, com

veemência a validade da tese organicista, empenhando-se na defesa das sete leis da expansão territorial de Ratzel (págs. 41-42) assim como das leis de pressão fronteira de Backheuser e Supan (págs. 44-46, 49-53). Eu concordo com a afirmação do general de que, favoravelmente ou não, *os limites, da mesma forma que os rios sinuosos, tendem a mudar de posição*, refletindo as pressões que lhe são aplicadas, e que os estudiosos norte-americanos estão errados quando descartam esta possibilidade orgânica, alegando não passar de mera argumentação fascista.

Além disso, diversas fronteiras são "instáveis" ou "mutáveis" por serem suscetíveis aos fluxos e refluxos das transições históricas de certos países. A necessidade de demarcações físicas e culturais bem definidas, reforça esta tendência dinâmica. Não somente ao se expandirem as fronteiras refletem ou criam condições favoráveis a conflitos regionais, mas também a redução de espaços periféricos, o colapso diante de conflitos internos figuram como perigos igualmente sérios à soberania nacional. Conseqüentemente, o equilíbrio interno, bem como a harmonia regional, dependem de fronteiras estáveis, de acordo com o general Meira Mattos.

4. Existem também duas categorias de países: Estados *imperialistas* e Estados *satisfeitos*. Os imperialistas, empenhados em expandir seus territórios, respondem pelas violações de limites nos últimos 100 anos, declara o general. Os Estados satisfeitos, dentre eles o Brasil, contentam-se em desenvolver (e não expandir) seu patrimônio.

Atualmente não existem "fronteiras de tensão" ou fronteiras sob disputa ameaçando a soberania brasileira (pág. 71) e Meira Mattos não menciona qualquer região continental que pudesse estar propensa a conflito (posteriormente, contudo, na sua correspondência de 3 de maio de 1991, que me foi enviada, ele revela a existência de onze áreas limítrofes, que se encontram em processo de litígio na atualidade). Inserido nesse argumento está o fato de que, no presente, o Brasil não enfrenta ameaça militar de vizinhos sul-americanos ou de forças além do hemisfério.

De fato, Meira Mattos acredita que os maiores e mais imediatos perigos e desafios que o Brasil enfrenta provêm da sua política interna, e suas fronteiras estão rigorosamente vinculadas a este assunto. Ele descreve esta conexão mais adiante, delineando quatro estágios na evolução da política de fronteiras luso-brasileira (págs. 65-66):

- *O período expansionista*, principalmente durante os tempos coloniais, quando os colonizadores estavam determinados a dilatar os limites para além da linha do Tratado de Tordesilhas, em resposta aos perigos de invasão provenientes da Europa (Inglaterra, França e Holanda), para acabar com agressão e os vazios políticos de um fragmentado império hispano-americano e pelo seu próprio ímpeto de expansão.

- *O estágio de regularização*, um fim para a expansão territorial e a normalização das fronteiras, somando-se a um equilíbrio das pressões sentidas

FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA: UMA DISCUSSÃO DAS TEORIAS DO GEN MEIRA MATTOS

em ambos os lados das linhas de limites, ao longo da periferia brasileira.

- O período das demarcações, do estabelecimento das dimensões da fronteira legal, conforme os procedimentos de diplomacia e negociação convenionados.

- O estágio de povoamento e desenvolvimento, no qual as fronteiras são colonizadas, tornadas economicamente viáveis e integradas com o restante da nação. Neste estágio, as Forças Armadas desempenhariam um papel de destaque na adequação dos territórios virgens ao processo de colonização.

Nesses quatro períodos, a segurança das longínquas regiões periféricas foi motivo de preocupação para os líderes nacionais.

Nos três primeiros ocorreram ameaças externas, mas os perigos surgidos no quarto estágio, bem adiantado atualmente, são talvez os mais sérios, um potencial para a sublevação regional, a fronteira voltando-se contra o litoral do Atlântico, trazendo como resultado a ameaça de fragmentação nacional. Para o general Meira Mattos, isto representa a mais grave ameaça internacional ao país, e a solução para o problema está no desenvolvimento nacional e na integração, um tema que também tem sido explorado em muitos de seus livros anteriores.

Conteúdo adicional do livro e importante para os leitores está sintetizado abaixo:

- Uma descrição de vários conceitos, teorias e categorias de fronteiras extraídos das perspectivas históricas e nacionais. Estes aspectos caracteri-

zam uma valiosa compilação de matérias que não são usualmente encontradas em outras obras contemporâneas.

- A afinidade entre a geopolítica e as fronteiras é uma retrospectiva das origens e do desenvolvimento da geopolítica. Neste ponto, o general defende a idéia das características orgânicas das áreas fronteiriças.

- Uma evolução histórica das fronteiras do Brasil, do período colonial aos dias atuais, com um resumo das dimensões da fronteira física em vigor, dos contatos para intercâmbio internacional ao longo das fronteiras e das antigas fortificações militares, bem como da contribuição das Forças Armadas para o contemporâneo desenvolvimento da fronteira (com um estudo circunstancial da última abordagem do Projeto Calha Norte).

- Uma coletânea de mapas representando os vários aspectos das fronteiras, muitos deles esboçados pela proeminente escritora brasileira de geopolítica, Therezinha de Castro.

COMENTÁRIOS SOBRE FRONTEIRAS E TEORIAS DO GENERAL MEIRA MATTOS

Teorias são visões abstratas da realidade; elas nos auxiliam na seleção de fatos pertinentes e na organização desses fatos, segundo padrões de coerência e de acontecimentos. Como uma forma de estudar as realidades do mundo, a Geopolítica nos proporciona uma sólida ordenação de conceitos e teorias, baseada nas afinidades espa-

ciais entre as nações, o que é útil para a interpretação das questões nacionais e internacionais. O general Meira Mattos tem registrado essa aproximação geopolítica nos seus estudos do Brasil e suas fronteiras porque o modelo é dinâmico, politicamente orientado, comprometido com a eficiência e o desenvolvimento e sintonizado com os posicionamentos das relações internacionais.

Uma preocupação do general é a possibilidade de o Brasil vir a desunir-se internamente no futuro, devido a uma ruptura causada por revoltas nas áreas fronteiriças periféricas, e que daria origem, em última instância, a uma guerra civil entre as diversas regiões. Por este motivo, ele adverte para o perigo do povoamento da Bacia Amazônica por refugiados provenientes de diversas partes do mundo, trazendo consigo uma grande variedade de culturas. Nesta observação, uma teoria geopolítica não apresentada pelo general, mas relevante neste caso (e aplicável ao Brasil), é a tese imperial. Essa teoria, penso eu, ajuda a esclarecer a conexão existente entre a expansão territorial e a sublevação nas fronteiras.

Os países de maior extensão territorial são os melhores exemplos dessa teoria geopolítica, particularmente a Rússia, os Estados Unidos, o Brasil, a China e o México. No caso da Rússia, originalmente existia o pequeno principado medieval de Moscou, exposto, durante séculos, a repetidas investidas de forças estrangeiras. A fim de defender esse território essencial, os líderes deram início à expansão de seus limites visando à segurança, por

julgarem que espaços mais abertos e distâncias maiores tendiam a proteger a região do núcleo central. Inabalavelmente, a expansão prosseguiu até a Rússia tornar-se um grande império, incorporando regiões longínquas, ocupadas por povos de origens diversas dentro dos domínios da Mãe Rússia. Tal medida de segurança revelou-se bem sucedida: Napoleão e Hitler não foram capazes de desdobrar, por muito tempo, seus exércitos e linhas de suprimento no interior da Rússia, e ambos eventualmente foram forçados a uma retirada com perdas substanciais. Grande quantidade de recursos naturais encontrados nesses territórios adicionais foram dividendos obtidos com a expansão, riqueza essa também empregada na defesa contra o invasor.

Mas a Rússia também pagou um preço alto pelo crescimento territorial. As fronteiras tornaram-se muito elásticas e propensas à guerra. Vizinhos, com justo temor de serem absorvidos, resistiram a Moscou promovendo alianças em todas as direções e conspirando com grupos não russos na periferia do Império, visando à sua independência. Gradativamente, o poder de fragmentação na Rússia/União Soviética tornou-se mais evidente, porquanto os povos dos territórios periféricos eram nitidamente muito diferentes, tanto em raça quanto em cultura, dos russos autênticos. Em decorrência disso, temos a revolta, caracteristicamente deflagrada em primeira instância, aqui figurando como uma ameaça constante de fragmentação do império e de uma ruptura interna

provocada pela fronteira contra o centro do poder, conforme aparenta estar ocorrendo na União Soviética da atualidade. Esse medo de desintegração extinguiu a aptidão para a democracia e para o governo progressista, pela necessidade de manter grandes exércitos e de impor a todos os seus domínios uma rígida autoridade central.

O caso em potencial russo aproxima-se da situação brasileira, com suas longínquas fronteiras, sua abundância de recursos nas proximidades das áreas fronteiriças, seu impressionante e vibrante crescimento econômico e demográfico, sua distância da Europa e dos Estados Unidos e as suspeitas da expansão de seus vizinhos espanhóis. Mas o Brasil também diverge do modelo imperialista em importantes aspectos, semelhante aos Estados Unidos no seu século de destino manifesto, diante da perspectiva de as fronteiras serem amplamente despovoadas e subdesenvolvidas e do interesse da diplomacia em estabilizar a fronteira. Em todas essas circunstâncias, Meira Mattos é sensato ao estimular a legitimação dos limites, decorrente de demarcação precisa e negociada e a integração das regiões periféricas aos costumes nacionais.

A tese organicista requer uma observação adicional porque nós, norte-americanos, na minha opinião, também ignoramos, freqüentemente, a importância das questões de limites, e temos cegamente rejeitado a noção de que o deslocamento dos limites está propriamente vinculado às dinâmicas nacionais e internacionais. Esta esqui

va questão orgânica talvez possa ser determinada por estes fatores:

- a incapacidade de visualizar o destino manifesto norte-americano (a extensão dos Estados Unidos do Atlântico ao Pacífico) como uma variação de expansão;
 - a ausência de tensões fronteiriças na América do Norte;
 - a herança geopolítica norte-americana legada pela Inglaterra e por Mackinder, que é estratégica, orientada para o mar e com tendência a desinteressar-se pelo assunto relativo a mudanças de fronteiras;
 - a ligação da tese do *espaço vital* (crescimento territorial como um *direito* dos Estados fascistas) com a idéia orgânica de que o crescimento nacional flui aos borbotões para determinados países, em determinados momentos da História, e que limites internacionais deslocam-se em função disso;
 - uma decisão de conter a expansão comunista nos limites da Segunda Guerra Mundial, pelo temor de que qualquer mudança de limite pudesse significar perdas na Guerra Fria ou gerar benefícios para os marxistas-leninistas;
 - um receio inconsciente de que os Estados Unidos, como outros exemplos imperialistas, possa também estar suscetível a uma fragmentação interna.
- O caráter orgânico, na minha opinião, é mais importante nos dias de hoje, para as relações internacionais, do que no passado, aspecto para o qual o general Meira Mattos também chama a atenção. Algumas nações da América do Sul, inclusive o Brasil, apresentam

FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA: UMA DISCUSSÃO DAS TEORIAS DO GEN MEIRA MATTOS

lices de crescimento impressionantes, e esses países estão rapidamente colorando suas fronteiras. As regiões interior estão se tornando populosas, e suas riquezas estão sendo conculadas com maior rigor pelos distintos centros do poder nacional. Conseqüentemente, é muito possível o surto de pressões para modificações no traçado das fronteiras, e não podemos deixar de estudar essa questão, em decorrência dos conflitos que dela podem resultar.

Meira Mattos alega que as guerras não são altamente correlacionadas com fronteiras, que a maioria das guerras está associada a questões de limites. Eu concordo com sua colocação,

e a conexão guerra/frenteiras pode ser provada estatisticamente. Por exemplo, somos capazes de pôr à prova a proposição de que quanto mais fronteiras um país sul-americano possuir, mais guerras estará sujeito a enfrentar. No quadro abaixo apresento, na ordem de classificação, o número de fronteiras de dez repúblicas e o número de conflitos regionais em que estas repúblicas estiveram envolvidas: (*Cisplatina*, 1825-1828 — Brasil e Argentina; *Tríplice Aliança*, 1864-1870 — Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina; *Guerra do Pacífico*, 1879-1882 — Peru, Chile e Bolívia; *Letícia*, 1920 — Peru e Colômbia; *Chaco*, 1932-1935 — Bolívia e Paraguai; *Maranhão*, 1942 — Peru e Equador):

	Nº Fronteiras	(Ordem de Classificação)	Nº conflitos Sul-americanos	(Ordem de Classificação)
Brasil	10	(1)	2	(3,5)
Argentina	5	(3)	2	(3,5)
Bolívia	5	(3)	2	(3,5)
Peru	5	(3)	3	(1,0)
Colômbia	4	(5)	1	(7,5)
Chile	3	(7)	1	(7,5)
Paraguai	3	(7)	2	(3,5)
Venezuela	3	(7)	0	(10,0)
Equador	2	(9,5)	1	(7,7)
Uruguai	2	(9,5)	1	(7,5)

Comparando o número de fronteiras com o número de envolvimento em conflitos, de acordo com o coeficiente ρ (P) de Spearman que mede a similaridade das ordens de classificação de variáveis, descobri uma corre-

lação estatisticamente significativa ($N = 10$; nível de importância 0,02; coeficiente RHO de 0,72 para uma zona de rejeição de 0,7155) que correspondia à proposição de que, efetivamente, para a América do Sul,

FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA: UMA DISCUSSÃO DAS TEORIAS DO GEN MEIRA MATTOS

quanto maior o número de fronteiras, maior o número de guerras de que uma república participaria.

O escritor de geopolítica colombiano, general Julio Londoño Londoño tem questionado (*Geopolítica da Colômbia*, 1949, pág. 115) que áreas de pontos tríplices, em que os limites de três Estados se encontram, são zonas de fronteiras particularmente sensíveis. Dos trinta e nove pontos tríplices na América do Sul, o Brasil figura em nove, enquanto que a Bolívia possui cinco, Argentina e Peru, quatro, e Colômbia e Paraguai, três. Londoño também descreve a Lei dos Pontos de Crescimento, que são pontos da fronteira onde o crescimento de um país é mais significativo do que o de seus vizinhos (*América do Sul, ou a geografia como destino* (1948), págs. 17-25). Muitas dessas áreas de ponto de crescimento estão distribuídas pela periferia brasileira. O general Meira Mattos está bem a par dessas teorias também.

No contexto desta discussão a respeito da possibilidade de conflito internacional ao longo da fronteira brasileira, eu questiono a assertiva do general Meira Mattos de que esta fronteira está livre de tensão. Quero crer que a posição central e alongada do Brasil em relação ao continente, a sua expansão orgânica (ambas, atual e potencial), o seu vigor nacional, contrastando com aquele de Estado-tampão da Bolívia, Uruguai e Paraguai, somando-se às diversas teorias sobre pressão fronteiriças, citadas por Meira Mattos e por mim mesmo (por exemplo, as de Supan, Backheuser, Lon-

doño e a relação guerras/fronteiras acima descrita), revelam uma forte probabilidade de que o Brasil irá experimentar uma pressão maior do que a sua parcela de tensões fronteiriças em relação a seus vizinhos.

Talvez essa inquietação regional seja um problema ainda maior para a República, do que a ameaça de fragmentação interna.

Diversas áreas suplementares necessitam de algumas considerações, ainda que superficiais, antes que eu conclua este retrospecto da obra do general Meira Mattos. Primeiro, o clamor internacional contra os propalados danos ecológicos perpetrados contra o povo da Amazônia e a infra-estrutura natural da bacia, deve ser reiterado neste retrospecto. A questão é importante e do interesse de todos os cidadãos do globo, e Meira Mattos corretamente assevera (pág. 111) a necessidade de se contrabalançar com proteção ambiental, o objetivo de desenvolvimento na Amazônia.

Segundo, acredito que *os rios* normalmente representam demarcações internacionais imprecisas, a despeito do fato de que, à primeira vista, se apresentem como limites naturais e óbvios. Os rios tendem a unir povos em vez de dividi-los e, conseqüentemente, na minha opinião, divisores de águas oferecem demarcações de fronteiras mais racionais e precisas do que rios. Por isso, Estados que desfrutam de graus mais elevados de unidade estão situados, total e exclusivamente, no interior de bacias hidrográficas. Quando grandes rios dividem entidades políticas e

povos, amplia-se o potencial de conflito.

Esse ponto leva-me a fazer uma terceira e última observação: a da possibilidade de uma federação ou confederação na América do Sul, tão em voga sob o rótulo de *integração*. Se os rios significam unidade regional e as montanhas separação nacional, então as fronteiras *regionais* mais naturais entre repúblicas poderiam ser mais apropriadamente traçadas, como *objetivos integracionistas*, de acordo com os divisores de águas das montanhas andinas e dos maciços Guiano e Brasileiro. Com esta inspiração de cooperação econômica regional (e talvez futuramente união política), cinco grandes confederações continentais apareceriam, quais sejam a da Gran Colômbia, a da Franja do Pacífico, a da Bacia do Prata, a da Bacia Amazônica e as Guianas. Potencialmente, a confederação econômica continental poderia surgir da base dessas regiões. Muito embora tal traçado reduza a vitalidade e a importância das fronteiras, o ideal de confederar-se está bem de acordo

com o tradicional modelo diplomático do Brasil e sua missão de liderança continental apregoada por seus estadistas, inclusive o general Meira Mattos. A conexão desses dois temas, a legitimação das fronteiras nacionais e o exercício da liderança continental pelo Brasil, parecem-me duas das destacadas contribuições que as obras do general Meira Mattos têm proporcionado ao campo da geopolítica sul-americana.

Em suma, o livro *Geopolítica e Teoria de Fronteiras: Fronteiras do Brasil*, é um excelente ponto de partida e de conclusão para se discutir em profundidade as questões da fronteira sul-americana. Como é característico das obras de Geopolítica do general, o leitor é levado à teoria e sua aplicação, ao embasamento histórico e a uma clara perspectiva do Brasil no cenário americano e mundial. Eu convido a uma cuidadosa leitura de seu valioso e criterioso livro, por tratar-se de uma contribuição importante à geopolítica bem como às relações internacionais do Brasil.

PHILIP KELLY, Professor (PHD) em Ciências Políticas da "Emporia State University", Kansas, Estados Unidos. Respeitado especialista em estudos da América Latina e de Geopolítica. Administrador da publicação "Index of Latin America Democracy". Autor de vários livros, entre os quais destacamos "Geopolitics of the Southern Cone and Antarctica" e de inúmeros artigos em revistas especializadas dos Estados Unidos.